



GUERRA CULTURAL NA PRÁTICA

**COMO COMBATER AS ESTRATÉGIAS DA ESQUERDA
QUE ESTÃO DESTRUINDO O OCIDENTE**

**ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO: GUSTAVO LOPES.
CRISTIÁN RODRIGO ITURRALDE, EDUARDO BOLSONARO, LARA BRENNER,
HÉLIO ANGOTTI NETO, IVES GANDRA MARTINS, NATÁLIA SULMAN,
PATRÍCIA SILVA, RICARDO SALLES E CANAL HERÓIS E MAIS**

**ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO: GUSTAVO LOPES.
CRISTIÁN RODRIGO ITURRALDE, EDUARDO BOLSONARO, LARA BRENNER,
HÉLIO ANGOTTI NETO, IVES GANDRA MARTINS, NATÁLIA SULMAN,
PATRÍCIA SILVA, RICARDO SALLES E CANAL HERÓIS E MAIS**

GUERRA CULTURAL

NA PRÁTICA

**COMO COMBATER AS ESTRATÉGIAS DA ESQUERDA
QUE ESTÃO DESTRUINDO O OCIDENTE**



SUMÁRIO

7 APRESENTAÇÃO

9 PREFÁCIO

11 INTRODUÇÃO À GUERRA CULTURAL

por Gustavo Lopes

17 Revolução Cultural Chinesa

19 Silenciamento da direita brasileira

27 Hegemonia cultural

33 Escola de Frankfurt

41 MANIPULAÇÃO DA LINGUAGEM

por Lara Brenner com colaboração de Luciano Pires

45 Guerra pelo imaginário

48 As tribos justiceiras e o medo da retaliação

50 A conta chega para todos

54 A ignorância fazendo suas vítimas

56 A sorrateira manipulação da linguagem

62 Conclusão

67 ARTES & CULTURA POP - O IMAGINÁRIO E O CINEMA

por Canal Heróis e Mais

70 A essência do cinema

79 O parasita pós-moderno

80 O arquétipo de Mary Sue

81 O contra-ataque

83 ANTICAPITALISMO, ANTIRRACISMO E FEMINISMO

por Patrícia Silva

86 As origens do pensamento anticapitalista

89 A operacionalização do antirracismo como rota para o anticapitalismo

91 O feminismo como plataforma do marxismo

95 Conclusão

99 MEIO AMBIENTE, IDEOLOGIA E OS INTERESSES INTERNACIONAIS

por **Ricardo Salles**

101 Mas como é o meio ambiente rural no Brasil?

104 O meio ambiente urbano no Brasil: abandono e poluição

106 O papel do governo brasileiro e os interesses internacionais

109 A agenda climática: indústria, estratégia e ideologia

111 Clima, cultura e costumes

113 Soluções ambientais, o ESG e o papel do setor privado

115 SAÚDE, CULTURA E SOCIEDADE

por **Hélio Angotti Neto**

118 A Guerra Cultural na saúde

120 A visão hipocrática

122 A visão utilitarista

125 A cultura afeta a saúde

126 A saúde afeta e define a cultura e a sociedade

127 A manipulação cultural da saúde

134 Em prol de uma saúde culturalmente benéfica

135 FILOSOFIA: EXPERIÊNCIA E IDEOLOGIA

por **Natália Sulman**

149 A ARTE COMO VEÍCULO REVOLUCIONÁRIO

por **Cristián Rodrigo Iturralde**

169 A POLÍTICA E A GUERRA CULTURAL

por **Eduardo Bolsonaro**

176 Como ocorre na prática?

177 O erro crasso brasileiro

183 UMA PROPOSTA PARA O STF

por **Ives Gandra Martins**



APRESENTAÇÃO

A ideia deste livro surgiu quando eu estava à frente da Secretaria Nacional do Audiovisual, da Secretaria Especial da Cultura, durante o ano de 2022. Por lá, passa boa parte dos projetos incentivados (Leis Rouanet, Aldir Blanc e, agora, Paulo Gustavo); projetos oriundos de emendas parlamentares; e editais do Fundo Setorial do Audiovisual.

Dos milhares de projetos que passam por ali, eu diria que 90%, senão mais, têm um viés esquerdista. Pode parecer exagero, mas o domínio da esquerda no campo cultural é quase completo. Como a legislação veda o gestor de fazer uma análise subjetiva dos projetos submetidos, a imensa maioria acaba sendo aprovada.

Ainda que se tenha “botado ordem na casa” sob a gestão do governo anterior, com um rigoroso controle dos recursos públicos, o predomínio de temáticas “progressistas” é inegável. Ou seja, não é que haja uma “preferência” por projetos desse campo ideológico, senão que a direita praticamente não submete projetos na área da cultura. E, aqui, falamos apenas de projetos que contam com recursos públicos. No âmbito privado, iniciativas culturais conservadoras são ainda mais raras.

Isso confirmou uma ideia que eu já tinha: o campo conservador acredita, sem pensar muito, que cultura é coisa de esquerdista. O que é um erro, sobretudo, estratégico.

Como veremos a seguir, de forma mais detalhada, é a cultura que molda, ao longo do tempo, a maneira de pensar do indivíduo e que cria o imaginário coletivo de um povo ou sociedade.

Portanto, é fundamental despertar-se para o fato de que estamos muitas “casinhas” atrás nesse entendimento. Há uma Guerra Cultural em curso à qual chegamos muito atrasados. O inimigo domina o terreno (o campo cultural, entendido de forma ampla), conhece as táticas (teorias e técnicas foram estabelecidas) e está muito mais bem preparado (atua de forma organizada há décadas nesse universo).

Então, este livro é uma singela contribuição para esse despertar. Uma pequena semente que espero que renda alguns frutos. Sobretudo, levando esses conceitos iniciais às pessoas que ainda não perceberam a dimensão da batalha em curso, embora façam parte dela cotidianamente.

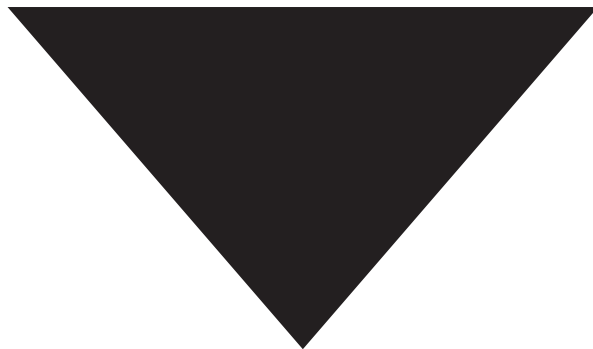
Por isso, a ideia de convidar autores das mais variadas áreas, que, desde suas perspectivas, trazem contribuições valiosas para esse entendimento. Os convites foram feitos individualmente e, portanto, cada um responde pelo seu capítulo, e não necessariamente estão de acordo com tudo o que se encontra nesta obra.

A ideia era que este trabalho fosse o mais acessível possível, não acadêmico, embora boa parte dos capítulos esteja dentro desses padrões. Há livros sobre a Guerra Cultural mais densos e elaborados nesse sentido, e estão citados na introdução.

Mas esta obra pretende ser diferente exatamente neste ponto: um livro que aborde a temática de diferentes ângulos e perspectivas, que seja leve e agradável de se ler e, acima de tudo, que desperte o interesse do leitor sobre a Guerra Cultural.

Aproveite a jornada!

GUSTAVO LOPES



PREFÁCIO

MÁRIO FRIAS — Deputado Federal

Vivemos em um momento ímpar da história, momento esse em que conceitos são modificados, valores, ressignificados, há inovações linguísticas confusas, deturpação de conceitos básicos, desvalorização do belo e desrespeito ao que aprendemos de forma consuetudinária.

Nesses momentos, é necessário que um grupo se levante, que líderes imperem pelo saber e experiência, e que combatam com ciência e empirismo teorias vãs e rasas de profundidade humana, científicas e filosóficas.

O conteúdo deste livro traz esse levante de saber, de conhecimento sobre a Guerra Cultural, em um momento de tantos ataques à sapiência, e do subterfúgio da tecnologia para desviar a atenção e para deteriorar a capacidade cognitiva de opinar, fazer contraponto ou argumentar. Em um momento em que as pessoas querem o conhecimento “pronto”, na forma de vídeos curtos, seguidos de dancinhas ou gracejos, de pessoas que não se inteiram sobre nada, não se dedicam a nenhum tema, mas opinam sobre tudo.

Estamos vivendo em um período da história do Brasil onde o governo de turno é de esquerda, e, com isso, se amalgamou com outros Poderes em estranhas alianças, de forma que vozes dissidentes estão sendo caladas. Pessoas do Poder Judiciário, da classe política, militares, jornalistas, cidadãos comuns em sua fase idosa e até mesmo líderes indígenas foram privados de sua liberdade, seja a de se manifestar, a de ir ou a de vir.

Nesse sentido, o organizador deste livro, meu amigo, parceiro de batalhas, o altivo Gustavo Lopes, presta nesta obra um grande serviço ao Brasil e a quem deseja se aprofundar sobre a importância da Guerra Cultural no cenário atual e em toda a história, pois compila a ideia e o conhecimento de gente gabaritada e com *expertise* para tratar de temas que estão no “teatro de operações” da guerra que travamos.

Neste tratado de Guerra Política, serão debatidos temas como a importância da comunicação e da linguística, seja para dominar a narrativa que toma o debate público, seja para implantar a novilíngua e ressignificar conceitos das ideologias progressistas.

O livro passará, também, pelo ataque às religiões tradicionais, como as de convicções cristãs, pela questão racial, que é um forte elemento de divisão social utilizado pela esquerda, e pela filosofia e construção do pensamento humano para lidar com essas questões.

Ainda nessa linha de combate à modificação da cultura e à desconstrução do belo, seremos brindados com um capítulo que analisa as transformações promovidas pela indústria do entretenimento em produções tão pobres e rasas, trazendo elementos que fazem o contraponto a essa insurgência maligna.

Junto a esse compilado, será dada luz ao tema do ativismo do Judiciário, da bioética e da medicina, sequestrando narrativas de forma a facilitar o controle social.

Para finalizar, há um capítulo que trata a pauta ambiental e como utilizam esse viés para implantar uma psicose ambientalista, com o fito de globalizar nossas divisas e nosso patrimônio natural; além do texto que versa sobre a guerra política no campo político de fato, dentro das instituições de Estado, parlamento, órgãos do Executivo, e como a esquerda, nesse contexto, usa de narrativas para implantar falsas verdades e manipular a imposição de vontades e projetos de poder.

Portanto, temos um tratado completo sobre a Guerra Cultural, com soldados que travam batalhas diárias dentro desse contexto beligerante. A leitura deste livro o colocará em outro patamar de conhecimento, e tem o condão de prepará-lo para o debate e para a atuação nesse campo de batalha.

Rememorando os heroicos soldados constitucionalistas de 1932, convoco: você tem um dever a cumprir, consulte a sua consciência e embarque nessa leitura que, ao fim, o tornará mais um soldado apto a ombrear conosco nessa arena, pois não somos conduzidos, **NÓS CONDUZIMOS!**

INTRODUÇÃO À GUERRA CULTURAL

Gustavo Lopes

Gustavo Chaves Lopes é jornalista, mestre em comunicação, escritor e cineasta. Dirigiu dois documentários e ocupou vários cargos no Governo Federal. Em 2022 foi o Secretário Nacional do Audiovisual.



AS MÚLTIPLAS FACES DA GUERRA CULTURAL

A política está rio abaixo da cultura; se alguém quer mudar a política antes deve mudar a cultura.

Andrew Breitbart

A frase acima é inegavelmente verdadeira, ainda que suscite polêmicas. Mudar algo que pertence a cada um, individualmente (costumes, crenças, valores), e a um grupo, coletivamente (história, tradições e o imaginário compartilhado), não cabe (ou não deveria caber) a um político ou governante.

No entanto, a leitura correta da afirmação de Breitbart é que é a CULTURA (nas suas mais variadas formas), e não a POLÍTICA, que molda o pensamento humano – individual e coletivo. Justamente por isso, líderes que se deram conta da força que a cultura tem na construção do imaginário a usaram como uma poderosa ferramenta política.

Conceitualmente, a definição de cultura é muito ampla e complexa. Há livros inteiros dedicados a tentar dar conta de toda a dimensão que o tema abarca. No entanto, não é a intenção deste livro ser mais um a buscar definir o que é cultura. De forma breve, pode-se dizer que cultura é o conjunto de valores, crenças, conhecimentos, artes e costumes de um povo.

Logicamente, seria muita pretensão definir cultura em apenas uma frase. Até porque o conceito muda conforme a intenção do enunciador, e mesmo a significação do que seja cultura é sequestrada política e ideologicamente. Ao longo do tempo, o campo semântico da palavra foi se dilatando tanto que “cultura” tem, hoje, muitos significados, nem sempre semelhantes, a depender da pretensão de quem a usa.

Mas, partindo da premissa de que a noção de cultura é tão intrínseca ao ser humano quanto a cultura em si, nós nos dedicaremos, aqui, a mostrar, da forma mais acessível possível, como esse conjunto de ferramentas humanas é usado politicamente para influenciar e moldar pensamentos, atitudes, discursos, comportamentos e, em última análise, o VOTO das pessoas.

Entender como se dá esse processo é fundamental para poder entrar nessa guerra em condições mínimas de lutá-la. Essa é uma guerra na qual a esquerda vem se especializando há mais de 100 anos, aprimorando o uso de ferramentas culturais para implantar e, em certos casos, impor sua visão de mundo na sociedade.

Embora essa batalha por corações e mentes já se estenda por um século, é nos dias atuais que ela atingiu novos patamares, e praticamente tudo passa por essa ótica hoje. O marxismo cultural está entranhado no debate público de maneira quase total. Boa parte do que é debatido, discutido e posto como verdade, atualmente, está, de certa forma, enviesado pelas narrativas desse movimento.

Segundo o amigo Marco Frenette, o marxismo cultural é justamente o trabalho constante e permanente da esquerda para normalizar, na sociedade, seus valores delinqüenciais. Já a Guerra Cultural, explica Frenette, é o embate entre essas forças destruidoras e os conservadores, os quais lutam para preservar valores fundamentais que sustentam a civilização ocidental.

No obrigatório *La Batalla Cultural*,¹ Agustín Laje explora semelhante ideia, e vai além:

1 *La Batalla Cultural: Reflexiones Críticas para una Nueva Derecha*, Harper Collins, 2022.

O que uma teoria da batalha cultural deveria estar interessada, na verdade, são os esforços de mudança cultural (ou conservação). Mas não qualquer tipo de mudança ou conservação, mas aquela que, sobretudo, se opera predominantemente na própria esfera cultural.

Dessa forma, Laje define que a primeira característica da Guerra Cultural é que seu objeto é o domínio da cultura: a cultura é o **QUÊ** está em jogo e **ONDE** está o jogo.

Além disso, Laje enfatiza que, nessa guerra, há sempre um conflito cultural de magnitude, sob o qual está em jogo não apenas um reajuste, uma reacomodação, mas sim uma mudança cultural significativa.

Por fim, Laje afirma que a terceira característica da Guerra Cultural é o elemento consciente, por meio do qual surgem esforços racionais para conseguir a vitória.

De fato, quando se pensa em uma batalha, pensa-se necessariamente em certa organização da ação individual e coletiva, certo planejamento consciente e direção do que deve ser feito se se quiser vencer.

Ou seja, as ações da esquerda no sentido de remodelar a cultura (e, por meio dela, a sociedade) não são aleatórias, e sim fruto de um planejamento consciente. As releituras, ressignificações e narrativas usadas para redefinir o meio social são resultado de técnica, planejamento e organização.

Entretanto, para que novas narrativas fossem construídas e, posteriormente, aceitas, todo o edifício cultural tradicional precisava vir abaixo. Não apenas elementos culturais óbvios, tais como literatura, artes, cinema e música, têm de ser ressignificados, mas uma hegemonia cultural, como veremos adiante, precisava ser implementada. E ela se dava, também, por meio da imprensa, da linguagem, das escolas, das universidades, da arquitetura, das leis e, por fim, da política.

De outro lado, valores tradicionais foram questionados e “atualizados”. Crenças religiosas milenares foram atacadas, e novas e criativas interpretações foram trazidas. A família, como *cellula mater* da sociedade, foi duramente agredida, e o próprio conceito natural de gênero foi afrontado. A linguagem, nossa principal forma de nos posicionarmos no mundo, foi subvertida ao limite do absurdo. Até mesmo a noção do que é belo foi relativizada.

Dessa forma, quanto mais longe uma pessoa é colocada de suas referências tradicionais e ancestrais, mais fácil é manipulá-la e impor a ela novos conceitos e valores.

Traremos, aqui, alguns exemplos de como a cultura foi usada, de modo explícito, para fins políticos. Além de apresentar algumas teorias que baseiam o *modus operandi* esquerdista. A ideia é fazer um breve sobrevoo acerca desses temas para que possamos aproveitar ao máximo os capítulos seguintes.

Veremos que a Guerra Cultural acontece em várias frentes de batalha, simultaneamente. Por vezes, as trincheiras estão conectadas. Em outras, o “teatro de operações” tem um fim em si mesmo. Mas sempre com um objetivo em comum: minar os valores tradicionais da sociedade e impor uma nova visão de mundo. Como disse Carl von Clausewitz, grande teórico da estratégia militar, “quando você pensa na parte, também precisa pensar no todo”.

Então, pensemos nas partes e no todo dessa guerra, em como cada um dos temas abordados aqui se conectam e se retroalimentam. Como o jornalismo militante, por exemplo, influencia em decisões jurídicas. Como o uso da linguagem atua na questão racial. Como a filosofia, vista desde um monóculo enviesado, determina formas de pensar. Como o discurso sobre uma tal “masculinidade tóxica” condiciona a produção do cinema. Enfim, são vários os cruzamentos possíveis, e os temas aqui são apresentados por quem entende e conhece cada um deles.

Se Breitbart afirma que a política está rio abaixo da cultura, Von Clausewitz (de novo ele) diz que a guerra é a continuação da política por outros meios. Sendo assim, estejamos prontos para o combate.

REVOLUÇÃO CULTURAL CHINESA

Ao longo da história humana, a cultura tem sido usada não apenas para registrar e compartilhar valores, tradições e costumes de um grupo humano ou sociedade, mas também para disseminá-los (e muitas vezes os impor). Desde nossos primórdios como civilização, grupos dominantes (desde tribos e clãs até reinos e impérios) têm imposto sua ascendência sobre grupos mais fracos ou desorganizados.

Em boa parte dos casos, a dominação se deu, inicialmente, por meio da força. Contudo, a consolidação só é estabelecida quando a cultura (costumes, crenças, língua etc.) do dominador é imposta ao dominado. No entanto, vamos nos ater aqui a um período mais recente. Até porque essa quadra da história é repleta de movimentos e teorias acerca do uso político da cultura na construção e/ou imposição de determinados valores ideológicos.

É necessário começar com um dos exemplos mais notórios do uso político da cultura, que foi a Revolução Cultural Chinesa (1966-1976), também conhecida como Grande Revolução Cultural Proletária, cujo objetivo declarado era reforçar o pensamento comunista que, segundo seu líder, Mao Tsé-Tung, não tinha, naquele momento, o mesmo vigor que teve quando ocorreu sua implantação no país, em 1949. Apenas para registro, vale ressaltar que, antes da Revolução Cultural, Mao já havia imposto o Grande Salto Adiante (1958-1962), que pretendia transformar completamente as bases da economia chinesa. O resultado foi o colapso econômico e a morte de 40 milhões de pessoas pelo que ficou conhecido como a Grande Fome Chinesa.

No entanto, mais do que fortalecer o maoísmo, a Revolução Cultural Chinesa se estruturou para acabar com qualquer resquício de oposição política, econômica e intelectual (qualquer semelhança com o que observamos atualmente no Brasil, definitivamente, não é mera coincidência, embora com métodos distintos). Pessoas tidas como pertencentes a alguma das Cinco Categorias Negras, segundo a classificação maoista (proprietários de imóveis; proprietários de terras; contrarrevolucionários; “maus influenciadores”; e direitistas), foram perseguidas e mortas. E, claro, suas propriedades,

confiscadas pelo Estado. Estima-se que até 20 milhões de pessoas tenham sido assassinadas durante o período, havendo inclusive casos documentados de canibalismo em massa (no Massacre de Quancim, no sul da China, mais de 100 mil pessoas teriam sido assassinadas e canibalizadas).

Além de perseguir² e matar escritores, professores e artistas considerados como “más influências”, iniciou-se uma forte campanha de desinformação típica de regimes comunistas. Um dos principais alvos foi o filósofo Confúcio (551 a.C.-479 a.C.), que, durante milhares de anos, influenciou profundamente o *ethos* do povo chinês. De forma resumida, pode-se dizer que o confucionismo pregava uma elevada moralidade pessoal e governamental, com rigorosos padrões éticos. Se um governante fosse bom e virtuoso, o povo seguiria seu exemplo. Logo, Mao percebeu que Confúcio deveria ser extirpado da cultura e do imaginário chinês.

Porém, não bastava o terror dos massacres, era preciso acabar com a reputação do sábio antes de apagar seus ensinamentos. O assassinato de reputações, para lembrar, é uma das faces da desinformação, técnica desenvolvida primeiro na Rússia e depois disseminada no mundo comunista. Não apenas o confucionismo foi violentamente atacado como também toda a tradição chinesa, no que os revolucionários chamaram de os Quatro Velhos: velhas ideias, velha cultura, velhos costumes e velhos hábitos. Desse modo, toda forma de arte pré-revolucionária (ou seja, praticamente toda arte produzida na China) foi considerada inimiga: quadros, livros, monumentos e templos milenares foram atacados; religiões foram perseguidas, sobretudo o cristianismo, que até hoje é hostilizado no país.

Essa tentativa genocida de impor uma cultura revolucionária mostrou, além dos milhões de mortes e do incalculável prejuízo cultural, o quanto a cultura, entendida nesse caso como ferramenta de dominação política, é poderosa. É por isso que começamos citando esse exemplo, entre vários

2 No Camboja, o líder comunista Pol Pot seguiu o exemplo de Mao Tsé-Tung e, entre 1975 e 1979, perseguiu e matou 1,7 milhão de pessoas (cerca de 20% da população do país à época). Intelectuais, jornalistas e professores foram massacrados. Bastava saber ler ou usar óculos para ser acusado de “inimigo da revolução”.

outros possíveis, porque ilustra muito bem até onde a esquerda pode chegar nessa Guerra Cultural.

SILENCIAMENTO DA DIREITA BRASILEIRA

Se o massacre perpetrado por Mao na China parece distante da realidade brasileira, pelo menos em termos da violência empregada, é estruturalmente semelhante na metodologia usada. Como bem lembra Flávio Gordon, no excelente *A Corrupção da Inteligência*:

O silenciamento completo das vozes destoantes foi a opção da esquerda cultural triunfante no pós-ditadura militar, que usou e abusou de associações maliciosas com o período anterior para, no novo contexto histórico, exercer seu papel de maneira hegemônica, sempre com um profundo senso de revanche.

Além disso, o desarmamento psíquico – que quase faz com que a direita peça desculpas cada vez que aponta os absurdos perpetrados pela esquerda ao longo de sua história –, aliado a um estamento pronto para sair em sua defesa, consolidou a narrativa hegemônica da esquerda no debate público.

Ressalte-se que o aparelhamento dos meios de ação culturais pela esquerda brasileira se deu, em grande medida, a partir do período em que, classicamente, os intelectuais marxistas dizem ter sido mais perseguidos. Foi durante o regime militar que representantes do marxismo cultural viram florescer suas produções. Na música, no cinema, na literatura, no teatro e, sobretudo, na televisão (veículo de massa por excelência no Brasil), a esquerda oferecia doses cavalares e diárias de socialismo, disfarçadas (nem sempre) nos enredos das novelas, nas letras das músicas, nos roteiros das peças e nas cenas dos filmes. Isso, apesar de uma censura reprovável, ainda assim branda se comparada com a censura de pensamento e liberdade de expressão que vivenciamos hoje no período alexandrino.

Nas universidades federais, onde se forma o intelectual militante, a esquerda dominou completamente os espaços, sobretudo nas faculdades de humanas. Isso aconteceu com o consentimento dos militares – é sempre forçoso reconhecer –, que acreditavam que, ao dar de bom grado o controle da indústria cultural brasileira para a esquerda, esta iria “se comportar” e, dessa maneira, o país seria pacificado.

Aqui, é preciso fazer uma ressalva sobre um tema muito recorrente atualmente: polarização. A polarização é apontada pela *intelligentsia*³ (jornalistas, “analistas políticos”, “especialistas” etc.) como algo negativo e como um impedimento para a “pacificação” do país. Ocorre que a polarização nada mais é do que a manifestação de ideias divergentes ou antagônicas. Durante muitos anos, no Brasil, vivemos uma falsa disputa ideológica: PT e PSDB se apresentavam como ocupantes de polos opostos quando, na verdade, ambos estão no campo da esquerda.

O PSDB é uma espécie de esquerda fabiana,⁴ ou *soft left*. Pode ter um viés liberal em matérias econômicas, mas, do ponto de vista dos valores, é de esquerda. Uma esquerda que toma banho, mas, ainda assim, esquerda. Isso apesar de os dirigentes petistas terem especial apreço por roupas caras, restaurantes sofisticados e relógios de luxo. O que, aliás, se verifica desde a *nomenklatura* soviética até os dias atuais: não há regime socialista no mundo no qual seus dirigentes não gozem de todos os privilégios e luxos do capitalismo enquanto a população passa fome. É uma regra desse modelo.

Mas, se resta alguma dúvida de que PSDB e PT são faces da mesma moeda⁵, basta ver a chapa que assumiu o poder neste ano, no Brasil. Ainda que o vice-presidente tenha mudado de partido poucos meses antes da eleição, ele fundou e militou no PSDB por mais de 30 anos, período em que

3 Originalmente, a *intelligentsia* designava os intelectuais russos no fim do século XIX. Posteriormente, o termo foi ampliado para fazer referência aos intelectuais de um grupo ou sociedade. Gramsci, como veremos adiante, tem outra definição.

4 O fabianismo é uma doutrina que acredita que a sociedade deve evoluir, pragmática e gradualmente, por meio de reformas, para o socialismo.

5 O documentário *O Teatro das Tesouras*, da Brasil Paralelo, aprofunda esse tema.

fazia “duras críticas” ao petismo, que viria a abraçar por conveniência política mais tarde.

Ou seja, a polarização surge, de fato, com a chegada de Jair Bolsonaro ao poder. Causa e consequência de um despertar da direita brasileira. Então, o antagonismo político, natural de qualquer democracia, passou a ser visto como algo negativo. Dizia-se que a direita precisava ser mais pacífica, mais comportada e mais dócil. Isso recebendo do outro lado todo tipo de agressões, ataques e difamações cotidianamente. Portanto, toda vez que mencionarem a polarização como algo negativo, lembre-se de que a discordância é parte essencial de qualquer democracia.

O *establishment* persegue o conservadorismo porque este aponta de forma direta sua hipocrisia. Em contrapartida, o sistema atua para que só exista uma certa “direita permitida”: não muito polêmica e não muito barulhenta. Quem ousa sair desse modelo “autorizado” é perseguido, tem suas redes sociais canceladas e é, muitas vezes, apontado como radical ou de “extrema direita” apenas por dizer o óbvio e lutar por liberdade. E há, claro, oportunistas que vestem o modelito “direita trans” (são de centro, mas se identificam como direita) para ficar só com o bônus, sem o ônus de se posicionar, de fato, como um representante da direita.

Mas, voltando à ideia dos militares em “pacificar o país” naquele período, o que eles não enxergavam é que o campo de batalha havia se transferido totalmente para a esfera cultural. O que eles conseguiram com essa visão míope da guerra política foi fortalecer enormemente o inimigo que pretendiam combater. Como Gordon destaca:

A hegemonia cultural da esquerda é efeito da concepção particularmente autoritária e arrogante da elite fardada acerca da relação entre Estado e sociedade, concepção fundada no fetiche positivista da técnica e da ciência.

Ainda que a produção cultural brasileira, sob a predominância marxista, tenha florescido em escala no período da “repressão”, perdeu

significativamente em beleza, elevação e imaginação com a “missão” de, mais uma vez, negar as tradições, destruir crenças e substituir valores. Começam a surgir, sobretudo a partir da década de 1960, um sem-fim de “intelectuais” completamente desprovidos de referenciais da cultura clássica ocidental, seja nas letras, na música ou no cinema.

Aqui, é importante fazer um esclarecimento: cultura clássica ou tradicional não tem a ver com cultura de elite ou elitizada. Esse é um dos argumentos usados por pseudointelectuais para colocarem-se como tutores da população quando se trata de fruição cultural. Como se o povo não tivesse condições de apreciar a beleza da arte produzida com elevados padrões estéticos e morais. Embora, como dito anteriormente, até o conceito de belo seja questionado para que, em seu lugar, seja colocado o que pode haver de mais grotesco em termos de produção “artística”.

Aliás, foi Simone de Beauvoir – ícone das feministas, defensora da pedofilia, colaboradora dos nazistas no governo de Vichy e uma pessoa questionável sob todos os aspectos morais e, logo, idolatrada pela esquerda – quem disse que era “preciso erguer o povo à altura da cultura, e não rebaixar a cultura ao nível do povo”. Ou seja, é a esquerda que tem os maiores preconceitos que diz combater, numa lógica moralista relativa, como é sabido. Seu líder político foi Benito Amilcare Andrea Mussolini, *que militou muitos anos no Partido Socialista Italiano, onde se destacou, e disse que a revolução “jamais sairia de seu coração”*, e comandou o país entre 1922 e 1943.

Sabemos também, por óbvio, que a primeira coisa que um esquerdista dirá ao ver o título deste livro é: “Guerra Cultural não existe, isso é uma invenção da *extrema direita*”. Aliás, é comum ver esquerdistas acusando a direita de promover uma Guerra Cultural. Mas essa é justamente a questão: a negação da realidade é uma das características mais profundamente arraigadas na alma de todo esquerdista.

Aqui, é preciso fazer outra pausa na jornada para uma digressão extremamente necessária. Uma lida em publicações esquerdistas, como o *site* do Partido Comunista ou a revista *Focus* da Fundação Perseu Abramo (um dos principais *think tanks* da esquerda), por exemplo, nos permite ver que a

expressão Guerra Cultural é citada repetidamente. Parlamentares de esquerda e mesmo o governo atual mencionam a Guerra Cultural que o “governo anterior promoveu”. Nesse contexto, como por mágica, ela passa a existir. No entanto, eles a usam nos seguintes termos: *é preciso combater a Guerra Cultural, a “extrema direita neofascista”*. O *mainstream* midiático, quando admite que há uma Guerra Cultural em curso, também vai colocar nesses termos.

Esse modo de ataque constante e automático da esquerda (quase um vômito político) de rotular seus adversários com “palavrões históricos” não é novidade, e também não é desprovido de técnica e método. Por isso, é importante falarmos a respeito desse caso específico. Nos últimos anos, não apenas no Brasil, ficou evidente a tentativa de adesivar as pessoas e os políticos de direita com o rótulo de fascista. Mas também é evidente que quase ninguém que faz essa acusação sabe o que é fascismo, de fato. E os que têm conhecimento também sabem que é uma acusação que não se aplica à direita. Porém, como vivemos em um tempo em que os FATOS importam menos do que as NARRATIVAS,⁶ é extremamente complexo se descolar dessa adesivagem. Conhecer as origens do termo talvez ajude.

O fascismo é uma doutrina ultranacionalista e totalitária, surgida na Itália no início do século XX. Seu líder político foi Benito Amilcare Andrea Mussolini, que comandou o país entre 1922 e 1943. Seu pai, Alessandro, foi um ativista socialista e revolucionário, que batizou o filho com o nome de três líderes socialistas: Benito Garcia, Amilcare Cipriani e Andrea Costa.

Assim como o capitalismo e o comunismo têm seus “pais” – Adam Smith e Karl Marx –, o fascismo tem seu pai intelectual: Giovanni Gentile, nome que muito provavelmente 99,9% dos “especialistas” em fascismo jamais ouviram falar. Embora houvesse outros “pensadores”, Gentile foi o “filósofo do fascismo” e seu principal mentor intelectual. Entre várias obras desse tema, ele escreveu, junto com Mussolini, *La Dottrina del Fascismo* (algo como o *Mein Kampf* de Hitler).

6 Conceito de pós-verdade; escolhida a palavra do ano pelo Dicionário Oxford em 2016, onde os fatos têm menos importância na construção da realidade do que as crenças e opiniões individuais.

No Manifesto Fascista, de 1919, um dos documentos seminais da doutrina, já se podia antever a linha ideológica seguida por eles:

- Convocação de Assembleia Nacional composta por trabalhadores e sindicatos.
- Sindicalização dos meios de produção.
- Expropriação parcial de bens e redistribuição das riquezas.
- Imposto progressivo sobre o capital e sobre herança.
- Confisco de todos os bens da Igreja e abolição dos bispados.

E não é só isso. Gentile acreditava que a família era uma extensão do Estado: *“Tutto è nello Stato e nulla di umano esiste o ha valore al di fuori dello Stato”* [Tudo está no Estado e nada que é humano existe ou tem valor fora do Estado], escreveu Gentile na *Doutrina do Fascismo*. Nada mais distante do pensamento de direita, que entende que o Estado não pode se sobrepor ao indivíduo quanto às suas escolhas.

Para os fascistas, o Estado era o pai, o líder da grande família, que decidia o que era melhor para seu futuro. A distinção entre público e privado, para eles, era uma abstração equivocada, porque o indivíduo só seria pleno no conjunto do Estado. Daí o símbolo do fascismo: um *fascio*, ou seja, um feixe de varas amarradas. Individualmente, são fáceis de quebrar. Juntas, se tornam fortes. O detalhe é que esse feixe era amarrado em um machado. E, na Roma Antiga, um *fascies* (feixe, em latim) era portado pelos magistrados e simbolizava o poder de castigar e decapitar.

Quando Mussolini assume o poder na Itália, Gentile se torna o ministro da Educação, cargo no qual pode implementar sua doutrinação autoritária por meio de reformas sociais e pedagógicas nas escolas italianas. Gentile também era grande admirador de Marx. Ele traduziu trabalhos do alemão para o italiano e escreveu um livro sobre sua obra (*La Filosofia di Marx*). Assim como o ídolo, Gentile também se identificava como ateu, o que talvez explique o avanço sobre os bens da Igreja, proposto no Manifesto.

Apesar de sua admiração por Marx, Gentile também não acreditava no comunismo puro e simples. Para ele, o socialismo estava fortemente

vinculado ao nacionalismo e teria que partir dessa premissa para ter êxito. Vale lembrar que a palavra “nazista” era o acrônimo para Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, que também tinha seu manifesto, lançado alguns meses depois do italiano, avalizado por Hitler e com itens bem semelhantes. Vejamos:

- Divisão dos lucros das indústrias.
- Nacionalização das indústrias associadas.
- Reforma agrária.
- Expropriação de terras para utilidade pública.
- Estatização e controle do sistema educacional.
- Regulação e controle da imprensa.
- A utilidade comum precede a utilidade individual.

Costuma-se muito facilmente atribuir ao nazismo a etiqueta de “extrema direita”, entre outros argumentos, pelo fato de Hitler ser (posteriormente) anticomunista. No entanto, Hitler também era anticapitalista e antiliberal. Do ponto de vista religioso, permitiu que os alemães seguissem suas crenças, mas o partido jamais aderiu a uma denominação religiosa e, por fim, seus membros acreditavam ser eles mesmos uma nova religião.

A esquerda costuma associar a Igreja Católica a esses regimes, numa clara tentativa de reforçar sua tese particular (novamente, defendida hoje pelo estamento cultural) de que o fascismo e o nazismo eram movimentos de direita. Sobre isso, é obrigatório lembrar que o papa Pio XI combateu fortemente esses regimes. O Tratado de Latrão, assinado pela Igreja e pelo governo de Mussolini em 1929, reconhecendo a soberania do Vaticano, é usado também para reforçar essa ideia. Ocorre que o papa nem sequer participou da assinatura – ele enviou o secretário da Santa Sé para representá-lo. Em 1931, o papa publicou a Carta Encíclica *Non Abbiamo Bisogno*⁷ [Nós não precisamos], onde fazia severas críticas ao fascismo italiano.

7 https://www.vatican.va/content/pius-xi/it/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310629_non-abbiamo-bisogno.html

Depois disso, Pio XI publicou, em 1937, duas Cartas Encíclicas: *Mit Brennender Sorge*⁸ [Com ardente preocupação] e *Divini Redemptoris*⁹ [Divino Redentor]. A primeira, condenando o nacional-socialismo alemão (nazismo) e sua ideologia racista; a segunda, dias depois, condenando o comunismo, o qual chamou de perigoso por se propor “a revolucionar radicalmente a ordem social e subverter os próprios fundamentos da civilização cristã”. Ou seja, a Igreja jamais apoiou esses regimes.

O fato é que tanto o fascismo como o nazismo e o comunismo são ideologias nefastas, totalitárias e genocidas. O comunismo, no entanto, apesar de ter massacrado infinitamente mais pessoas ao longo de sua história, conseguiu trabalhar, com muita técnica e método, sua “marca”. Logicamente, em um ambiente de Guerra Cultural dominado pela hegemonia esquerdista, todas essas informações são suprimidas do debate público. E, embora estejam disponíveis a quem tiver disposição e honestidade intelectual para pesquisar, são convenientemente deixadas de fora da narrativa corrente. Isso reforça a importância de romper a espiral do silêncio.¹⁰

No livro *A Mente Esquerdista: As Causas Psicológicas da Loucura Política*, o psiquiatra americano Lyle Rossiter faz um exame da mente dos esquerdistas, descrevendo-os como pessoas que costumam negar a realidade e a responsabilidade pessoal, racionalizam a violência, justificam a criminalidade, atacam a tradição social e religiosa, entre outros comportamentos conhecidos. É como se o sistema límbico, responsável por

8 https://www.vatican.va/content/pius-xi/de/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_14031937_mit-brennender-sorge.html

9 https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divini-redemptoris.html (versão em português)

10 Teoria proposta pela alemã Elisabeth Noelle-Neumann, segundo a qual as pessoas omitem suas opiniões para evitar críticas, conflitos ou isolamento, acreditando que sua opinião diverge da maioria. Como a esquerda domina o campo dos “formadores de opinião” (imprensa, academia, cultura etc.), faz parecer que sua cosmovisão representa a maioria.

regular sentimentos e emoções e, por consequência, a vida em sociedade e os limites morais, tivesse um “defeito de fabricação” na mente esquerdista. A moral relativa, ou a relativização moral, típica dos marxistas, é confessada por eles mesmos. Basta ver um discurso de um esquerdista para confirmar a teoria.

Este livro será criticado também por outra razão muito simples: **eles, universidades, redações, cinema, literatura e demais arenas culturais, não nos querem nas trincheiras que vêm mantendo e cultivando há muito tempo.** Então, é para lá que devemos ir. Mas, para isso, é importante trazer algumas ideias que serviram de referencial teórico para a esquerda durante as últimas décadas, para conhecermos de onde vêm suas técnicas e métodos. Ou seja, essas teorias foram verdadeiros manuais para o autodenominado “campo progressista”.¹¹

HEGEMONIA CULTURAL

Mais sutil e eficiente que a Revolução Cultural Chinesa, mas igualmente perigosa, a hegemonia cultural é um conceito criado pelo marxista italiano Antonio Gramsci que propõe, resumidamente, a dominação ideológica por meio do uso de mecanismos culturais (artes, literatura, cinema, imprensa, universidades etc.). Gramsci viveu os agitos revolucionários do início do século XX e ingressou na política por meio do Partido Comunista Italiano (PCI). Foi eleito deputado em 1924 e, em 1926, foi preso, momento em que produziu grande parte de sua obra, apesar da saúde debilitada.

11 Esse termo é outro exemplo do uso da linguagem. Ao se autodefinirem como “progressistas” (algo bom, em tese), os esquerdistas colocam em si mesmos um adesivo positivo. O progresso é bom para a sociedade, logo, se eles são progressistas, querem o bem coletivo. Primeiramente, a esquerda representa a destruição da sociedade; segundo, o progresso é positivo quando leva em consideração os valores que devem ser mantidos. Ser conservador não é ser contra o progresso. Ao contrário, é querer que o progresso se dê em bases experimentadas e aprovadas no teste do tempo.

Com algumas discordâncias em relação ao marxismo clássico, ele entendia que a dominação por meio da violência só poderia acontecer em Estados ditatoriais e totalitários que, a longo prazo, não eram sustentáveis. Segundo o italiano, ainda que não tenha rechaçado a luta armada, era mais eficiente controlar os meios culturais e, usando-os como propagadores da ideologia marxista, impor à sociedade sua maneira de ver o mundo. Em pouco tempo, esses próprios atores, que ele chamava de “intelectuais orgânicos”, se tornavam os maiores defensores e propagadores dessa cosmovisão. Gramsci entendia a cultura como “expressão da sociedade”. Logo, um meio para a dominação do pensamento das massas e, posteriormente, do predomínio ideológico.

De um modo muito resumido (o tema merece aprofundamento e há muitas obras que cumprem melhor esse papel), Gramsci propõe um avanço na teoria marxista do materialismo histórico ao perceber a necessidade de persuasão, de convencimento das massas, da busca do consenso. Dessa forma, ele amplia sua episteme em direção à esfera da cultura. A luta de classes já não é algo que faça total sentido para o proletariado, uma vez que os próprios trabalhadores estão inseridos no sistema capitalista e dele também usufruem (poder aquisitivo, acesso a bens de consumo, qualidade de vida etc.). O marxista italiano entende que a transformação social não aconteceria por meio de revoluções armadas, mas sim pela penetração no pensamento da sociedade, que se daria através dos meios culturais a médio e longo prazos, promovido pela intelectualidade simpática ao marxismo (já que era formada e influenciada por ele).

O intelectual orgânico é umas das categorias¹² que devemos sublinhar nessa rápida passagem pela doutrina gramsciana. Como dito anteriormente, ele seria o mediador entre a construção da hegemonia da classe dominante e a reestruturação política e moral que a cultura demandaria.

12 O pensamento de Gramsci – sobretudo no que se refere à cultura, ideologia e hegemonia – é organizado de forma categorial.

Podemos identificar esse intelectual orgânico na academia (professores e, por consequência, alunos); na imprensa (jornalistas); na cultura *stricto senso* (artistas, cantores etc.); nos políticos ideologicamente alinhados; na Igreja (a Teologia da Libertação foi/é importante motor nesse meio); e, até mesmo, no âmbito jurídico. Note-se que o sistema hegemônico se retroalimenta: universidades formam profissionais (professores, jornalistas, advogados, sociólogos, cientistas políticos etc.), que (re)produzem pensamentos já previamente estabelecidos do ponto de vista marxista; os jornalistas, formados por esses professores, produzem notícias desde uma perspectiva esquerdista; que, por sua vez, influenciam até mesmo decisões judiciais,¹³ e dessa forma todo um *ethos* cultural vai se formando e se renovando *ad infinitum*.

Importante registrar que as obras de Gramsci só foram publicadas no Brasil nos anos 1960. Ou seja, mais de 30 anos após terem sido escritas. Por aqui, haviam circulado artigos sobre o italiano entre membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB). No entanto, eram textos sobre sua condição de preso político e figura do PCI. Assim, suas teorias não circulavam antes disso. Na Itália, as obras completas de Gramsci só foram publicadas em 1975.

As primeiras edições no Brasil surgem no período entre 1966 e 1968, como fala o próprio Carlos Nelson Coutinho, organizador e tradutor da obra de Gramsci no país, em artigo publicado em uma revista mexicana.

Entre 1966 e 1968, no período em que as contradições internas do regime ditatorial brasileiro, instaurado em 1964, ainda permitiam uma relativa margem de liberdade no campo cultural, ocorreu uma corajosa iniciativa editorial: em três anos, foram publicadas cinco das

13 Muitas decisões judiciais têm, como base, artigos e matérias de jornal. Estas, muitas vezes, são completamente tendenciosas. Em uma época de pós-verdade, os fatos não têm a força de moldar a realidade, e sim as opiniões, crenças e ideologias.

mais importantes obras de Antonio Gramsci, até então inéditas na língua portuguesa.¹⁴

Vejam que o próprio Coutinho admite que os marxistas tinham liberdade no terreno cultural, como dissemos anteriormente. Em 1968, há um recrudescimento, com o AI-5, para logo depois haver o “libera geral”, quando a esquerda toma conta, com o aval do regime, dos meios de ação culturais no Brasil.

Como bem lembra Flávio Gordon, no já mencionado *A Corrupção da Inteligência*, apesar de as teorias de Gramsci chegarem por aqui com algumas décadas de atraso, nem por isso deixaram de causar um estrago fenomenal no estamento cultural brasileiro, sobretudo na academia. Embora, claro, para a esquerda, as teorias do italiano tenham caído como uma luva no momento de substituir a luta armada pela dominação do pensamento coletivo.

Depois de aniquilada a luta armada, e com os primeiros sinais de um projeto de abertura política que fez surgir novos movimentos sociais e organizações da sociedade civil, o pensamento de Antonio Gramsci começa a ser reavaliado pela esquerda, transbordando da universidade para o campo político, e adquirindo um caráter mais utilitário (conquistando em termos de poder de ação o que eventualmente perdia em acuidade teórica).

Ao reler o trecho acima, lembrei de outra citação, dessa vez do professor Olavo de Carvalho, o homem que melhor entendeu a importância da Guerra Cultural no Brasil.

Quando terminou a era dos governos militares, em 1988, só quem era ainda conservador no Brasil era o povão mudo, desprovido de

14 *Cuadernos Políticos*, número 46, México, 1986, pp. 24-35.

canais para fazer valer suas opiniões, enquanto o espaço cultural inteiro – mídia, movimento editorial, universidades, escolas secundárias e primárias etc. – já era ocupado, gostosamente, pela multidão de tagarelas da esquerda que ainda mandam e desmandam no panorama mental brasileiro. Aos sucessos retumbantes que obteve na economia e no combate às guerrilhas, a ditadura aliou, em triste compensação, uma cegueira ideológica indescritível, que expulsou a direita do cenário público e entregou o espaço inteiro àqueles que até hoje o dominam.¹⁵

Para o intelectual orgânico brasileiro – esse tipo meio preguiçoso meio pedante, mas que ostenta virtudes de (se achar) grande protetor dos “fracos e oprimidos” –, uma doutrina que o colocasse como mediador (tutor) de parcela da população deu a ele uma razão de ser no mundo. Na fala do próprio Gramsci:

Cabe observar que a massa dos camponeses, ainda que desenvolva uma função essencial no mundo da produção, não elabora seus próprios intelectuais “orgânicos” e não “assimila” nenhuma camada de intelectuais “tradicionais”.¹⁶

Como defensor de nobres valores que jura proteger, o intelectual orgânico brasileiro (como os esquerdistas em qualquer latitude) se permitia as maiores corrupções. Afinal, “a causa” (essa abstração que abarca toda e qualquer agenda), aceita todas as transgressões morais possíveis, mas sempre em nome da “democracia”, da “liberdade” e da “justiça social”. Isso porque, ao querer impor uma nova moral (a moral relativa dos comunistas), o intelectual revolucionário, de forma afetada, diz defender valores

15 “Por que a direita sumiu”, Olavo de Carvalho, 2012, olavodecarvalho.org.

16 *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*, Antonio Gramsci, Editora Civilização Brasileira, 1982.

da “velha moral” para que os incrédulos o tenham na conta de genuinamente preocupado com o bem comum. Nada mais distante da realidade, como quase tudo no discurso esquerdista.

Ainda que, como vimos, as teorias do marxista italiano tenham chegado muito tempo depois ao país, a deterioração cognitiva e moral nas “cabeças pensantes” brasileiras foi tremenda e quase total. A ideia de uma hegemonia cultural, ainda que mal formulada teoricamente, era música para os ouvidos esquerdistas. Recorrendo novamente ao professor Olavo:

Jornalistas, professores e similares, os “formadores de opinião” ou “intelectuais”, no sentido calculadamente elástico que Antonio Gramsci dá ao termo, são a vanguarda da revolução. Sua função não consiste em mostrar o mundo como ele é, mas transformá-lo naquilo que ele não é. Deformar propositadamente o quadro, portanto, é seu dever profissional número um.

Diante desse breve resumo das teorias do marxista italiano, idolatradas e implementadas pela esquerda brasileira, é necessário lembrar o que o professor Olavo de Carvalho insistentemente enfatizava: enquanto não tivermos influência nos meios de ação (academia, imprensa, Judiciário, meio “artístico”), não será possível mudar a política do Brasil. Ainda que tenhamos eleito um presidente que fez um excelente governo, ele pouco ou nada pôde diante de um estamento ideologicamente aparelhado de cabo a rabo e que resiste ferozmente ao ressurgimento do conservadorismo no país.

Por fim, embora os postulados de Gramsci tenham encontrado solo fértil na esquerda tupiniquim, é preciso reconhecer que outros pensadores, com objetivos semelhantes ao do comunista italiano, formularam, de forma quase contemporânea, teorias que continuam a influenciar a esquerda brasileira e mundial.

ESCOLA DE FRANKFURT

Aqui chegamos ao que há de mais refinado e eficiente em termos de Guerra Cultural. A Escola de Frankfurt levou o entendimento da disputa política a um patamar muito sofisticado. Até hoje, passados 90 anos de suas primeiras formulações, os postulados propostos pelos expoentes desse grupo seguem influenciando o jogo político. E o que é mais assombroso: a grande maioria dos atores políticos (e, sobretudo, o público) nem sequer tem consciência disso.

O Instituto de Pesquisas Sociais, como de fato se chamava a Escola, funcionava dentro da Universidade de Frankfurt, porém de forma autônoma e independente, bancada por um rico empresário. Como, aliás, boa parte dos *think tanks* da esquerda atualmente.

Por sorte, temos neste livro um dos maiores conhecedores do tema: Cristián Iturralde, que nos brinda com um capítulo fantástico, e sua obra *Escola de Frankfurt e o Início da Nova Esquerda* é uma leitura simplesmente obrigatória para compreender esse jogo. Iturralde mostra como os frankfurtianos perceberam que o materialismo histórico, proposto por Marx e Engels, já não daria conta das contradições do socialismo, e propuseram uma “teoria crítica” que adaptaria os preceitos do marxismo para além da luta de classes e da revolução armada.

Eles não demoraram a encontrar a resposta: a verdadeira e mais efetiva revolução é a do pensamento. E esta deve se desenvolver de um modo não violento e de forma paulatina, por meio da subversão de todas as esferas da cultura.¹⁷

Ou seja, como o desenvolvimento socioeconômico trouxe junto a inevitável melhora nas condições de vida do trabalhador, que também era beneficiado pelo capitalismo, era preciso dar um novo sentido de orientação às

17 *Escola de Frankfurt e o Início da Nova Esquerda*, Cristián R. Iturralde, Vide Editorial, 2022.

massas, ainda que elas nem percebessem isso. Notam-se, claro, algumas semelhanças com as teorias de Gramsci. Os frankfurtianos e o italiano entendiam que a revolução armada não funcionaria nos países ocidentais. Ambos criticavam o materialismo histórico. Além do fato de que tanto os frankfurtianos quanto Gramsci vislumbraram que a médio e longo prazos o domínio social por meio da cultura seria muito mais eficiente.

Todavia, enquanto Gramsci se encontrava preso e mantinha seu ímpeto revolucionário, ainda que sob outras bases, os frankfurtianos podiam circular livremente nos meios acadêmicos, tinham vultosos patrocínios e décadas de produção pela frente, e isso lhes deu uma vantagem em relação à hegemonia cultural gramsciana. É preciso, no entanto, não perder de vista a influência que ambas as “escolas” tiveram no *ethos* esquerdista: o marxismo cultural seria o aríete para derrubar as portas da sociedade ocidental.

Isso se daria por meio da implantação de uma nova ordem moral e cultural, apagando qualquer resquício, como vimos anteriormente, da tradição, de crenças religiosas e da cultura clássica. A Escola de Frankfurt traz também elemento das “minorias”, o que nos legaria questões de gênero, linguagem, homossexualismo, feminismo etc. Buscamos auxílio, novamente e inevitavelmente, em Olavo de Carvalho:

A teoria crítica se abstinha de propor qualquer remédio para os males do mundo e buscava apenas destruir: destruir a cultura, destruir a confiança entre as pessoas e os grupos, destruir a fé religiosa, destruir a linguagem, destruir a capacidade lógica, espalhar por toda parte uma atmosfera de suspeita, confusão e ódio. Uma vez atingido esse objetivo, alegavam que a suspeita, a confusão e o ódio eram a prova da maldade do capitalismo. Com toda a certeza, a influência da Escola de Frankfurt, a partir dos anos 60 do século passado, foi muito maior sobre a esquerda nacional que a do marxismo-leninismo clássico.

Os teóricos alemães haviam compreendido que, para ir além das fronteiras soviéticas (onde o ciclo revolucionário se completara e seguia sua marcha) e atingir o mundo ocidental de forma abrangente, não seria mais o proletariado a liderar a revolução, embora a esquerda tenha mantido, de forma astuta, o protagonismo simbólico no trabalhador (e, mais recentemente, nas “minorias identitárias”). Mas, de fato, quem liderou nas últimas décadas o avanço da pauta esquerdista – preparando terreno para as ações políticas – foram os intelectuais, a academia, os atores culturais e *tutti quanti*. Não por esforço individual (a que não são muito chegados), mas pela alienação construída sistemática e coletivamente nesses meios. Ainda recorrendo a Iturralde:

Era claro, pois, que para chegar aos povos ocidentais e conquistar suas vontades não eram suficientes os panfletos de barricada, o sentimentalismo, os tanques ou líderes políticos carismáticos e fervorosos. Era preciso penetrar o pensamento pela consciência, gerar uma mudança de paradigmas socioculturais que permitissem cooptar as vontades sem que as pessoas suspeitassem que eram vítimas de uma manipulação mental: que trabalhassem para a revolução sem o saber. Eis o triunfo máximo da esquerda em sua história.¹⁸

A cegueira estratégica em relação a esses movimentos não foi só dos militares brasileiros. Os movimentos de dominação cultural avançavam em todo o mundo ocidental. No pós-guerra, acreditava-se que o desenvolvimento social e econômico, sobretudo a partir dos anos 1950, enterraria de vez a ideologia marxista, a ponto de um influente intelectual americano escrever o livro *O Fim da Ideologia*¹⁹ afirmando que havia no “mundo oci-

18 *Op. cit.*

19 Daniel Bell era um sociólogo neoconservador americano que acreditava que a abundância econômica acabaria naturalmente com as ideologias marxistas.

dental um robusto consenso entre os intelectuais de que a aceitação do *welfare state*, desejo de descentralização do poder e um sistema de economia mista e plural haviam decretado o fim da era ideológica”. Uma visão otimista, típica daquele período histórico, porém, muito ingênua. Nessa mesma época, para se ter uma ideia, a Escola de Frankfurt funcionava dentro da Universidade de Columbia! Isto porque seus integrantes fugiram para os Estados Unidos no período nazista. A Escola só retornou de fato a Frankfurt em 1953, embora muitos de seus membros tenham decidido permanecer nos EUA, dentro das universidades estadunidenses, onde obviamente potencializavam a difusão de suas doutrinas.

O foco do Ocidente, então, durante o período da Guerra Fria, foi combater geopoliticamente o comunismo ao redor do mundo – deixando completamente de lado a questão cultural.

Os efeitos dessa desatenção ou subestimação do fenômeno fizeram-se sentir rapidamente, tendo explodido no final dos anos 60 e 70, com uma juventude abandonada ao irrealismo político, ao hedonismo e à libertinagem sexual, às drogas e à cultura da irresponsabilidade. A estratégia contracultural tinha dado resultado.²⁰

Ao final desse período histórico, com a queda do Muro de Berlim (1989), o desmantelamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e a independência dos países componentes do bloco (1991), cometeu-se outro erro de leitura fenomenal. Em 1989, Francis Fukuyama, um graduado acadêmico nipo-estadunidense, escreveu o artigo “O fim da história e o último homem”, transformado em livro em 1992 com o mesmo título, onde afirmava categoricamente: “A história, como luta de ideologias, terminou, com um mundo final baseado em uma democracia liberal que se impôs depois do fim da Guerra Fria”.

20 *Op. cit.*

Com um otimismo triunfante, quase infantil, Fukuyama não percebeu, assim como quase todo o mundo, que o que havia caído era apenas a parte geopolítica e econômica do marxismo. Mas, como os próprios esquerdistas já haviam percebido, seu vetor fundamental era a dominação cultural, e esta continuava mais viva do que nunca.

Enquanto um lado comemorava sua “vitória”, a esquerda se reorganizava. Como o próprio Lênin dissera em 1920: “Se para conservar o poder precisarmos inverter completamente nossa orientação, assim o faremos”. Na América Latina, por exemplo, a esquerda se reuniu em 1990, em São Paulo, para discutir a melhor estratégia para lidar com o novo cenário político mundial. Dali surgiu o Foro de São Paulo. Um bloco muito organizado, que produziu e produz presidentes para diversos países latino-americanos, com uma agenda em defesa da “democracia popular” (acionar alerta), do anti-imperialismo, do ambientalismo, da igualdade etc. Na verdade, é um poderoso *think tank* da esquerda mundial e, apesar de derivações como o Grupo de Puebla, segue liderando a estratégia política dessa turma.

A direita, infelizmente, ainda não tem nada parecido em termos de integração e organização estratégica, apesar de algumas boas iniciativas isoladas e esporádicas.

Outra correta leitura histórica dos teóricos de Frankfurt foi o sentimento antitotalitário surgido no pós-guerra. Ainda que a União Soviética estivesse sob o comando do sanguinário Josef Stálin, que cometeu os maiores absurdos ditatoriais, quando se quisesse desacreditar um adversário, era preciso acusá-lo de “fascista”, “nazista” ou “antidemocrático”. O comunismo, apesar de seus genocídios de dezenas de milhões de pessoas, jamais entrou no arco de insultos políticos. Uma normativa do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) ordenava:

Nossos camaradas e os membros das organizações amigas devem continuamente envergonhar, desacreditar e degradar os críticos. Quando os obstrucionistas se tornarem muito irritantes, deve-se

etiquetá-los como fascistas ou nazistas. Essa associação de ideias, depois das repetições suficientes, acabará sendo uma realidade na consciência das pessoas.

Como vimos antes, qualquer semelhança com o que acontece hoje no Brasil e no mundo em relação ao espectro político da direita não é, definitivamente, mera coincidência. Há técnica, método e orientação nesse sentido. Esse “salvo-conduto” do comunismo se deu porque, já então, a dominação do estamento cultural, midiático e acadêmico estava nas mãos da esquerda. Em 1965, Herbert Marcuse, um dos mais proeminentes teóricos da Escola, lança o ensaio “Tolerância repressiva”, no qual diz, de forma explícita, que “deve-se tolerar os movimentos da esquerda, mas ser intolerante com os movimentos da direita”. Ou seja, à esquerda estão permitidas ações, discursos, atitudes e palavras que à direita estão vedadas, confirmando que a contradição permanente é a marca mais significativa da esquerda. E quem garante que as coisas aconteçam, de fato, dessa forma? Basta ver o que ocorre exatamente neste momento em nosso país, e veremos que a esquerda e todo seu aparato de apoio seguiu à risca os ensinamentos de Marcuse, que afirmava, também sem preocupação em esconder suas intenções, que “não se deve dar margem à oposição”.

Outros frankfurtianos sugeriram semelhantes normas a serem seguidas para banir os adversários do debate público. Erich Fromm, ainda nos anos 1930, idealizou um questionário a ser aplicado em trabalhadores alemães, classificando-os como “autoritários”, “revolucionários” ou “ambivalentes”, para então medir seu grau de adesão ao comunismo. O rótulo de “autoritário” se destinava àqueles que manifestassem apego à família, ao cristianismo e à moral tradicional.

Theodor Adorno criou uma escala para medir o grau de fascismo de um indivíduo. O método, que ficou conhecido como “Escala F de Adorno”, não respeitava nenhuma metodologia científica senão as próprias crenças de seu formulador. Novamente, pessoas que valorizavam a família eram, segundo ele, fortemente fascistas e autoritárias.

Toda hierarquia está baseada na prepotência de um lado e na submissão de outro. A família é uma fábrica da ideologia reacionária na qual o pai é o ser superior diante de quem o filho é obrigado a se identificar de modo masoquista.²¹

Talvez umas sessões de terapia tivessem evitado esse legado catastrófico. Mas o fato é que ele teve forte influência na esquerda mundial, que se faz sentir até hoje. Os homens de Frankfurt, inclusive, receitaram que não se deveria, no entanto, promover a destruição imediata da família, mas sim remodelá-la, retirando dela todas as suas referências tradicionais e naturais.

Todas essas pseudoteorias tinham, evidentemente, um objetivo político. Ou seja, o cumprimento do objetivo maior do marxismo: a destruição da sociedade como estava estabelecida e a substituição por outra, revolucionária e socialista. Recorrendo, uma vez mais, a Cristián Iturralde:

Na verdade, o que se buscava com isso era sobretudo estereotipar de modo negativo – supostamente científico – certas atitudes, tradições e valores da sociedade ocidental cristã, para conseguir primeiro sua condenação social – e logo seu castigo –, arrastando-os a certa marginalidade enquanto ao mesmo tempo os setores minoritários eram direta e indiretamente “empoderados”, naturalizando suas particularidades, contanto que fossem contrárias à velha e vigente ordem sociocultural e religiosa.²²

Ao longo de sua extensa trajetória, a Escola de Frankfurt produziu dezenas de teorias, estudos, postulados e hipóteses (aqui fizemos apenas um breve sobrevoo) que continuam até hoje influenciando novos pesquisadores e estudiosos do campo acadêmico. Como já vimos, esse é um

21 *Estudos sobre a Personalidade Autoritária*, Editora Unesp, 2019.

22 *Op. cit.*

universo ainda dominado pela esquerda. Daí a importância de buscar entender o legado desses autores para melhor lidar com os desafios impostos pela Guerra Cultural.

A partir de agora, o leitor poderá conhecer um pouco mais da aplicação das teorias gramscianas, frankfurtianas e marxistas, em situações práticas. Os autores a seguir nos brindam com excelentes abordagens sobre a Guerra Cultural.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE
TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JULHO DE 2023